

# Capa

## A REFORMA AGRÁRIA RENDEU FRUTOS

Os dois padres, formados na cultura da organização de comunidades, sempre rejeitaram a idéia de se filiar a qualquer partido. Não são disso. Preferem estar entre os fiéis, chamar para sua igreja quem quer que esteja com vontade de servir a Deus.

Aos 77 anos, o padre Roberto Pezzi aprendeu a enxergar com a distância do tempo o significado da sua prisão pela ditadura militar. Hoje diz sempre ter sido brizolista, não comunista. Ficar no mesmo lugar por 42 anos também lhe deu o privilégio de ser testemunha do efeito daquela reforma agrária que levou adiante com o padre Callegari. Padre Pezzi ficou em Dom Pedro de Alcântara (uma das sete cidades que se emanciparam de Torres). Desde que fundaram o Sindicato dos Trabalhadores Rurais na Paróquia Nossa Senhora do Amparo até os tempos de hoje, muito mudou. As cerca de 1 mil famílias de agricultores familiares que vivem naquele pedaço de chão colhem os frutos da organização que os dois plantaram.

– A minha gente cresceu. A turma vai bem. Estão comprando caminhõezinhos – diz ele.

Outro sinal de que a luta por terra rendeu bons frutos é a escolha pela agricultura ecológica. Padre Pezzi conta que em torno da igreja desenvolveu-se uma cultura de rejeição a insumos químicos, como defensivos agrícolas e adubos sintéticos. Produzem-se bananas, tomates, batatas e milho sem o uso de agrotóxicos.

– Muita gente morreu por causa do agrotóxico na minha comunidade. Fiz o enterro de muitos agricultores – conta.

Dos tempos da acusação de comunista e subversivo, ficou uma lembrança boa, seguida sempre por uma risadinha:

– Sofremos um pouco. Aquilo já passou. Fomos bem tratados. A lição é boa porque mostra a nossa fé. Sinal de que a gente fez alguma coisa. O problema é que, naquela época, quem trabalhava pelo certo, pela justiça, era perseguido.

Padre Callegari ficaria 18 anos na paróquia Roça da Estância. Ele é um dos personagens do livro inaugural da história de Mampituba, a cidade que lá surgiu. Cidadão emérito, sua contribuição está registrada no livro *Mampituba e Você, Juntos nesta História*. Filho de agricultores familiares, conta que foi, é e será comunista até morrer. Apesar dos males impostos pelos militares, não perde o tom. A quem lhe pergunta se ainda é subversivo, responde:

– Graças a Deus.

### Na comunidade do Litoral Norte se expande hoje o cultivo ecológico

DANIELA XU



A pressão do regime militar não amedrontou Callegari, que afirma que foi, é e será comunista até morrer

BRUNA MAGNUS MENGUE, ESPECIAL



Pezzi ficou na região que ajudou a desenvolver

## História dos dois sacerdotes consta no livro 'Brasil: Nunca Mais'

### PROCESSO FORJOU INFORMAÇÕES

A ação que tramitou no Superior Tribunal Militar e que acusava os padres Mariano Callegari e Roberto Pezzi de subversão está entre os 707 processos reunidos para formatar a pesquisa *Brasil: Nunca Mais*. Durante mais de seis anos, pesquisadores investiram sobre cerca de 1 milhão de páginas de depoimentos e autos de prisão que cobrem o período de abril de 1964 a março de 1979 para buscar casos de tortura e assassinatos de militantes políticos ou mesmo de pessoas que apenas lutavam por uma causa justa, como foi o caso dos padres gaúchos. Produziram um documento de 5 mil páginas que serviu de base para a edição, em 1985, do livro *Brasil: Nunca Mais – Um Relato para a História*. O caso dos padres Callegari e Pezzi está descrito na página 151, no subcapítulo Religiosos.

O livro relata que Roberto Pezzi e Mariano Callegari foram processados a partir de janeiro de 1970 – a prisão data de um ano antes – pela Justiça Militar de Porto Alegre. Pezzi foi acusado de crime contra a segurança nacional porque, num sermão de 30 de novembro de 1969 – dia em que completou 11 anos de sacerdócio –, desmentiu a versão de que havia padres dominicanos envolvidos na

traição ao líder da resistência Carlos Marighella, morto 26 dias antes em tiroteio com a polícia no Centro de São Paulo. Padre Pezzi referia-se à invasão do Seminário Cristo Rei, em São Leopoldo, e à fuga do dominicano Carlos Alberto Toledo Cristo, o Frei Beto. Defendia aqueles que a ditadura acusara de traição.

Callegari acabou sendo processado por “ajudar o movimento sindical rural da região”. No processo, o promotor que redigiu a denúncia fez referência ao fato de que ele era mais perigoso. Num texto claramente anticomunista, o promotor chegou a atribuir-lhe viagens a Cuba e à Rússia. Por óbvio, ele nunca esteve em nenhum desses países. O livro destaca o seguinte trecho do processo judicial que se refere a Callegari:

“O segundo denunciado (*Callegari*), de orientação nitidamente marxista, com viagens à Rússia e a Cuba patrocinadas pela Mitra Diocesana de Caxias do Sul, exerce grande atividade em sua paróquia, local denominado Estância da Roça, proclama a necessidade de implantação do regime cubano no Brasil para a solução dos problemas nacionais e se serve de sua qualidade de sacerdote para difundir a sua propaganda subversiva.”